

# Breve Introdução à Filosofia Moral de Nietzsche

*Celso Candido*

*A especulação acerca da verdade é, num sentido, difícil, noutro, fácil: a prova é que ninguém a pode atingir completamente, nem totalmente afastar-se dela, e que cada [filósofo] tem algo que dizer sobre a natureza, nada ou pouco acrescentando cada um à verdade, embora se faça do conjunto de todos uma boa colheita.*

Aristóteles

## § Introdução

O que está em questão aqui é um assunto de não pouca importância: a filosofia moral de Nietzsche. E tanto maior a importância de um assunto maior a responsabilidade daqueles que, sobre ele, se debruçam. Aqueles que uma vez já se defrontaram com a devida atenção sobre o pensamento de Nietzsche percebem a temeridade que consiste a tarefa de esclarecê-lo e, em especial, suas reflexões sobre as questões de ordem moral.

O pensamento nietzscheano é uma potência criadora e recriadora incomensurável. Como o mundo fica “mais interessante” quando se tem um livro de Nietzsche ao alcance das mãos! Nietzsche é uma espécie de tônico revigorante. Nietzsche fala de tantas coisas belas e duras. Ele nos faz sofrer mais, amar mais, rir mais. E seu estilo literário é dos mais sofisticados... Respirar a atmosfera dos textos nietzscheanos é gratificante; trata-se de um tesouro de lindas pedras e metais preciosos, o qual nunca parece ter fim, e quanto mais jóias dele se extrai, outras, ainda mais belas, vão surgindo em número cada vez maior.

Entretanto, certas idéias deste pensador saltam aos olhos e surge o espanto, a admiração. Como justificar um filósofo que, em plena época

moderna, fala de uma legitimação da escravidão? Porém, imediatamente, uma outra pergunta se coloca: Como deslegitimar um filósofo como Nietzsche? Desta contradição nascem questões inquietantes, angustiantes. É preciso ir mais fundo. É preciso esclarecer as razões deste filósofo controverso, admirável.

Feita esta breve introdução passamos agora ao tema em questão.

## § 1.

O mundo humano é um mundo de ações. As ações morais constituem grande parte das ações humanas no mundo. Estas ações morais são, fundamentalmente, determinadas e justificadas por representações de valor relativas a uma tábua de valores do bem e do mal.

As representações de valor quanto ao bem e ao mal de cada ação determinam, pois, em sentido fundamental, as ações humanas no mundo.

Assim, elucidar em que consiste o bem e o mal, quais valores são bons e maus, é condição necessária para a fundamentação e justificação das ações morais no mundo.

Esta exposição pretende esclarecer, de forma introdutória, a posição filosófica de Nietzsche diante de tal problemática.

Grande parte da obra filosófica nietzscheana é relativa às questões morais. A posição de Nietzsche é fundamentalmente de crítica aos valores dominantes. Quer dizer, para Nietzsche, aquilo que é ou foi considerado “bom” pela tradição é ou foi, na verdade, “mau”.

Sua perspectiva consiste, de um lado, colocar em questão a moral, ou seja, o valor absoluto da moral e, de outro, fazer uma crítica das valorações morais tradicionais.

Pode-se extrair, pois, um duplo sentido desta crítica moral. O primeiro aponta para uma crítica total da moral, quer dizer, a moral é vista como ruim em si mesma, na medida em que ela representaria uma simples coerção (social) ao indivíduo autônomo (excepcional). A moral aqui é “um instrumento

do instinto de rebanho”. O segundo, quando começa em sua obra o trabalho de distinção genealógica, aponta para a afirmação de uma certa moral, a moral aristocrática, em oposição à moral escrava.

A genealogia da moral nietzscheana indica a existência fundamental de duas morais: a moral do senhor e a moral do escravo. A primeira representando o bem e a segunda o mal, travaram ao longo da história humana uma luta fundamental e, ainda hoje, determinam o essencial desta história.

## § 2.

Esta genealogia colocará questões admiráveis quanto às representações do bem e do mal e os modos de fundamentação e legitimação das ações morais.

Relativamente a toda tradição moral ocidental, como disse, a genealogia transforma “o bem em mal e o mal em bem”. Nesta monumental “transvaloração dos valores” são implodidos os princípios morais mais caros do pensamento moderno. De tal forma que, a primeira tarefa preparatória para a interpretação da crítica genealógica nietzscheana consiste em um trabalho de esclarecimento e auto-reconhecimento dos princípios morais ocidentais modernos, como finitos e falíveis. Quer dizer, para realizar-se um verdadeiro trabalho de interpretação da crítica moral nietzscheana, é preciso reconhecer o contexto de sentido a partir do qual se interpreta, hoje, o pensamento de Nietzsche. Sem este auto-reconhecimento das condições de sentido morais que determinam a atividade própria do pensamento moderno, a leitura de Nietzsche perderá sentido e, conseqüentemente, se perderá, no mundo da vida, idéias de uma rara excelência. E, simplesmente preso a estas representações modernas morais do humano, não se poderá fazer verdadeira justiça ao pensamento de Nietzsche.

Neste sentido, parece vital reconhecer o princípio fundamental da época moderna: a idéia de igualdade natural entre os seres humanos. Esta idéia já presente na tradição judaico-cristã: “todos são iguais diante de Deus”

funda grande parte dos tratados políticos e éticos modernos: “todos são iguais diante da lei e do Estado”.

Este princípio, no seu prolongamento, propõe uma compreensão do valor e do bem humanos na qual as hierarquias e as relações entre senhor e escravo não teriam mais sentido, pois tais relações seriam ou um desvio da bondade natural dos homens ou a pré-história da humanidade. Por esta razão, a despeito de tudo, o pensamento moderno, o mais avançado, sente-se, muitas vezes, chocado diante de certas proposições morais nietzscheanas [em especial, aquelas que propõem, em todas as letras, uma justificação da própria escravidão]. Ora, não faz nenhum sentido para a moral moderna igualitarista, um pensamento que propõe o estabelecimento de hierarquias e divisão da sociedade entre dominados e dominadores - quando exatamente as formas de pensamento mais sofisticadas pretendem que as leis de estado, as normas de conduta tenham como base este princípio de igualdade. Este princípio é o magma dos magmas signitivos da modernidade - e está presente no modo de pensar e valorar modernos de modo mesmo inconsciente, como pré-conceito moral de primeira ordem.

§ 3.

[PARA ACESSAR O ARTIGO COMPLETO, FAVOR ENVIAR E-MAIL PARA [CELSO.CANDIDO@GMAIL.COM](mailto:CELSO.CANDIDO@GMAIL.COM), IDENTIFICANDO-SE. OBRIGADO.]